



Revista Diadorim
e-ISSN: 2675-1216
v.26, n.2, e64408, 2024
DOI: 10.35520/diadorim.2024.v26n2a64408

Dossiê

Um estudo comparativo entre formas de intensificação no Umbundu e no Português

A comparative study between forms of
intensification in Umbundu and Portuguese

Déborah Ribeiro de Alvarenga 

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Letras
Vernáculas. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

E-mail: deborahralvarenga@letras.ufrj.br

Resumo

O processo de intensificação na língua portuguesa envolve o uso de elementos linguísticos para enfatizar ou ampliar o significado de palavras ou expressões, sendo também um fenômeno variável comum em diversas línguas. Diante disso, este estudo propõe uma análise detalhada das formas de intensificação presentes nos provérbios da língua umbundu, falada em Angola, comparando-as com as estratégias utilizadas no português. Os provérbios foram escolhidos como fonte de dados por sua importância cultural e linguística, refletindo valores e visões de mundo de suas comunidades. Assim, nossa análise busca identificar e descrever as formas de intensificação, suas regularidades e peculiaridades, além de investigar como esses recursos são utilizados em contextos socioculturais distintos. Ademais, o estudo pretende promover a valorização da diversidade linguística e cultural, evidenciando a riqueza e a complexidade das estratégias de intensificação em ambas as línguas.

Palavras-chave

Intensificação; sociolinguística; língua portuguesa; língua umbundu.

Editora-chefe

Marcia dos Santos
Machado Vieira

Editores Associados

Abreu Castelo Vieira dos Paxe
Carmen Lucia Tindó Secco
Pâmela Fagundes Travassos

Recebido: 19/06/2024

Aceito: 13/08/2024

Como citar:

ALVARENGA, Déborah Ribeiro de. Um estudo comparativo entre formas de intensificação no Umbundu e no Português. *Revista Diadorim*, v.26, n.2, e64408, 2024. doi: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2024.v26n2a64408>

Abstract

The process of intensification in the Portuguese language involves the use of linguistic elements to emphasize or amplify the meaning of words or expressions, and it is a variable phenomenon common in several languages. In view of this, this study proposes a detailed analysis of the forms of intensification present in the proverbs of the Umbundu language, spoken in Angola, comparing them with the strategies used in Portuguese. The proverbs were chosen as a source of data because of their cultural and linguistic importance, reflecting the values and worldviews of their communities. Thus, our analysis seeks to identify and describe the forms of intensification, their regularities and peculiarities, as well as investigating how these resources are used in different socio-cultural contexts. In addition, the study aims to promote the appreciation of linguistic and cultural diversity, highlighting the richness and complexity of intensification strategies in both languages.

Keywords

Intensification; sociolinguistics; Portuguese language; Umbundu language.

Introdução

Na língua portuguesa, o processo de intensificação, considerado um fenômeno variável, diz respeito às expressões de grau que empregam elementos linguísticos para enfatizar, ampliar ou intensificar o significado de uma palavra ou expressão. Nesse sentido, recorreremos às definições de gradação e intensificação delineadas por Machado Vieira e Vieira:

[...] constitui um recurso semântico-argumentativo muito produtivo na língua portuguesa, empregado para indicar que a dimensão ou a intensidade de dado elemento ultrapassa os limites do que se concebe como relativamente normal/neutro a ele. (2008, p. 63)

Esse fenômeno é uma característica linguística amplamente presente em diversas línguas ao redor do mundo, não se limitando apenas ao português brasileiro. Em diferentes sistemas linguísticos, os falantes recorrem a estratégias específicas para intensificar o significado de palavras ou expressões, refletindo assim a diversidade e a complexidade da linguagem humana. Por exemplo, na língua umbundu, falada predominantemente em Angola, também encontramos mecanismos de intensificação que desempenham um papel crucial na comunicação cotidiana e na expressão cultural, sejam eles mais tradicionais, sejam mais inovadores. Assim como no português,

os falantes de umbundu utilizam recursos linguísticos para enfatizar a magnitude, a intensidade ou a importância de algo.

Nesse contexto, o umbundu emerge como um tesouro linguístico a ser explorado e compreendido em toda a sua profundidade. Diante disso, este projeto de pesquisa propõe uma análise minuciosa das formas de intensificação presentes nos provérbios da língua umbundu, comparando-as com as estratégias de intensificação encontradas na língua portuguesa, em suas variedades brasileira (PB) e europeia (PE) principalmente. Ao investigar esse aspecto específico da linguagem, buscamos não apenas compreender melhor a estrutura e o funcionamento do umbundu, mas também enriquecer nossa compreensão da diversidade linguística e cultural presente no mundo.

A escolha dos provérbios como objeto de estudo foi motivada pela sua importância como manifestação cultural e linguística, refletindo saberes, valores e visões de mundo de uma comunidade:

Se o provérbio não existisse, seria preciso inventá-lo, mesmo que fosse apenas pelas perguntas que sua relação – perfeitamente indeterminada – com a fala de todos, nos leva a colocar diante da encantadora complexidade das ações de linguagem (Dhalet, 1995, p. 7-8).

Os provérbios – ou, como chamados por Diagne (2005), os “conhecimentos reprimidos” – estão conectados a diversas estruturas sociais, incluindo a religiosidade e o imaginário coletivo. Eles fazem parte de uma rede de sistemas variados, permeando a vida cotidiana e a história, entendendo-se além do continente africano. São, assim, ferramentas valiosas para compreender a riqueza de qualquer língua. Não obstante, os provérbios, como um tipo textual, possuem uma estrutura linguística específica, com uma combinação de palavras que segue regras gramaticais e sintáticas. Essa estrutura permite que eles sejam reconhecidos como construções linguísticas que transmitem uma mensagem.

A mensagem, por sua vez, pode ser, por exemplo, lições de vida ou reflexões sobre comportamentos e situações, permitindo que o leitor ou ouvinte compreenda uma ideia ou valor cultural. Ou seja, ela é o significado ou a ideia que se pretende transmitir através de um texto ou provérbio e diz respeito ao conteúdo subjacente que pode ser interpretado de diferentes maneiras, dependendo do contexto cultural, social e histórico em que é apresentado (ver Paxe, 2016). Enquanto um provérbio pode ter uma mensagem clara e direta, a interpretação dessa mensagem pode variar entre diferentes públicos ou em diferentes situações. Entender isso ajuda a evitar simplificações excessivas e permite uma análise mais rica e contextualizada das

expressões culturais, reconhecendo que cada provérbio carrega consigo um conjunto de significados que podem ser explorados em profundidade.

Além disso, a intensificação, como recurso linguístico, desempenha um papel crucial na expressão de emoções, ênfases e nuances de significado, tornando-se um elemento fundamental para a análise comparativa entre as duas línguas em questão. Ao longo deste estudo, pretendemos não apenas identificar e descrever as formas de intensificação presentes nos provérbios umbundu, mas também investigar seus padrões, regularidades e peculiaridades, bem como sua relação com as estratégias de intensificação em português. Acreditamos que essa análise comparativa não apenas evidencia a riqueza e a complexidade do umbundu, mas também contribui para uma maior valorização e reconhecimento da diversidade linguística e cultural presente nas sociedades brasileiras e angolanas.

Os provérbios analisados foram selecionados a partir do texto *Seleção de Provérbios e Adivinhas em Umbundu* (Lisboa, 1964), uma obra editada pela Junta de Investigação do Ultramar. Esta é uma fonte que apresenta uma lista de mais de 200 páginas com provérbios em umbundu acompanhados por traduções literais e seguidos de explicações ou provérbios correspondentes em português. Essa seleção foi feita de forma criteriosa, buscando incluir provérbios que possuam elementos de intensificação e que ofereçam potencial para comparação com estratégias de intensificação em português. Contudo, é importante mencionar a limitação do *corpus*, pois as traduções podem refletir o viés da Igreja Católica, uma vez que o autor, como representante de uma instituição religiosa, pode ter interpretado os provérbios de uma maneira que se alinha aos valores e crenças da sua fé. De qualquer forma, levamos esse fator em consideração ao coletar os provérbios a serem analisados.

Os provérbios selecionados foram analisados cuidadosamente para identificar as formas de intensificação presentes na língua umbundu, tanto tradicionais quanto inovadoras. Foram observadas quaisquer estratégias linguísticas utilizadas para enfatizar, ampliar ou intensificar o significado das expressões, levando em consideração aspectos semânticos, sintáticos e pragmáticos. Em seguida, os intensificadores foram comparados com aqueles presentes na língua portuguesa. Identificamos semelhanças, diferenças e padrões entre as formas de intensificação utilizadas nas duas línguas, com o objetivo de compreender como esses recursos linguísticos são empregados em contextos culturais e linguísticos distintos.

Dessa forma, cada provérbio foi analisado em seu contexto semântico e pragmático, buscando compreender não apenas o significado literal das expressões, mas também suas conotações e possíveis interpretações em situações específicas de comunicação. Consideramos também aspectos socioculturais que possam influenciar a compreensão e o uso dos provérbios tanto em umbundu quanto em português. Ao fazer isso, pretendemos promover uma maior valorização e reconhecimento da diversidade linguística em nossa sociedade globalizada, demonstrando a variedade de

recursos linguísticos utilizados para expressar nuances de significado em diferentes línguas e culturas.

Contato linguístico em Angola

A situação linguística em Angola é marcada por uma grande diversidade, com várias línguas nacionais e o português coabitando no país. Essa diversidade é reflexo da história colonial, das múltiplas etnias e da política linguística adotada após a independência. O português é a língua oficial de Angola, de acordo com a Constituição da República de Angola (art. 19), e é usado em todos os âmbitos oficiais, como governo, educação, mídia e documentação. Ele é a língua de ensino nas escolas e a língua franca entre as diferentes etnias. Desde a independência, houve uma crescente adoção do português como primeira língua, especialmente nas áreas urbanas. Com isso, hoje, a maioria dos angolanos, particularmente nas cidades, é fluente em português, com uma proporção significativa de falantes nativos.

Porém, essa hegemonia do português levanta questões sobre a marginalização das línguas nacionais. Além do português, Angola possui várias línguas, as quais são faladas por diferentes grupos étnicos. As mais faladas incluem: Umbundu, a língua do grupo etnolinguístico Ovimbundu (falada principalmente nas províncias do centro e sul de Angola), Kimbundu, falada pelos Ambundu (é predominante na região de Luanda e nas províncias adjacentes), Kikongo, falada no norte, nas províncias fronteiriças com a República Democrática do Congo, e Chokwe, falada no leste do país. Essas línguas, obviamente, têm grande relevância cultural e são usadas nas interações diárias dentro das comunidades, além de serem expressões importantes da identidade étnica. O multilinguismo também é comum em Angola, especialmente em áreas rurais onde as línguas nacionais predominam. Muitas pessoas são bilíngues ou até mesmo trilingües, combinando o uso do português com uma ou mais línguas nacionais. No entanto, o multilinguismo enfrenta um dilema nesse contexto, uma vez que o português muitas vezes se sobrepõe às línguas nacionais, colocando-as em risco de extinção.

A globalização e o consumo de mídia estrangeira também têm moldado a situação linguística em Angola, promovendo o português como uma língua de modernidade. Essa visão pode ser problematizada, pois, ao promover o português como língua de prestígio, corre-se o risco de reduzir a complexidade cultural de Angola a um monolinguismo culturalmente empobrecido. Contudo, a preservação das línguas nacionais é uma preocupação, uma vez que a urbanização e a migração para as cidades podem levar à erosão dessas línguas, com menos falantes jovens aprendendo-as. Podemos observar essa preocupação nas próprias políticas do Estado, já que, após a independência em 1975, o governo angolano tem feito esforços para promover a educação em português, mas também tem reconhecido a importância das línguas nacionais como patrimônios culturais. Isso está representado na própria Constituição, que

diz que “o Estado valoriza e promove o estudo, o ensino e a utilização das demais línguas de Angola, bem como das principais línguas de comunicação internacional” (Angola, 2010, p. 9).

Há programas de alfabetização e educação bilíngue em algumas regiões, embora esses esforços enfrentem desafios devido à falta de recursos e à predominância do português como língua de prestígio. Ou seja, apesar dos esforços do governo angolano para promover tanto o português quanto as línguas nacionais, há uma tensão inerente entre a valorização da língua oficial e a preservação dos patrimônios linguísticos locais. Esta situação nos leva a questionar: até que ponto as políticas linguísticas refletem um verdadeiro reconhecimento da cultura local, ou estão, na verdade, promovendo uma uniformização cultural sob a égide do português?

a ideia do “orgulho” à diversidade fica apenas nas entrelinhas, pois no sistema educativo angolano não impera a pluralidade linguística, as aulas são ministradas exclusivamente em português. A LP desde a época colonial foi o principal instrumento de ensino, melhor dizendo, era a língua utilizada para civilizar os povos indígenas, visto que a educação que os povos nativos tinham se baseava no conhecimento da história e da cultura portuguesa, e este projeto colonial continua atualmente, cujos documentos oficiais como a constituição da república e a lei de bases do sistema de ensino, por exemplo, não abordam o ensino de línguas locais de modo obrigatório. (Tando, Nambua, 2024, p. 34)

Cabe ressaltar que as línguas Bantu em Angola são muito mais do que meros meios de comunicação. Elas carregam consigo séculos de história, sabedoria ancestral, práticas culturais e visões de mundo únicas. Cada uma dessas línguas é um repositório de conhecimento coletivo, transmitindo histórias, mitos, práticas religiosas e valores éticos que são intrínsecos à identidade dos diversos grupos étnicos que as falam. Conforme Tando e Nambua (2024, p. 32), “para além de ser esse veículo de transmissão de mensagens, quer sejam de textos escritos e orais, à língua é a representação identitária de um povo. É através dela que se desenvolvem as manifestações culturais, por exemplo, as danças, os rituais religiosos, etc”. A preservação dessas línguas é, portanto, essencial não só para manter a diversidade linguística, mas também para proteger o patrimônio cultural de Angola. Quando uma língua morre ou se torna obsoleta, perde-se também uma parte da identidade do povo que a falava, além das suas formas únicas de interpretar e interagir com o mundo. Logo, a valorização e promoção das línguas Bantu são vitais para garantir que as futuras gerações possam acessar e se apropriar das suas heranças culturais e linguísticas.

De qualquer forma, o contato linguístico em Angola, onde o português é amplamente falado e convive com diversas línguas Bantu, resulta em um fenômeno de influências mútuas entre essas línguas em diversos contextos, como explica Amélia Arlete Mingas:

No que respeita a Angola, a adaptação da língua portuguesa a novos contextos sócio-culturais manifesta-se em vários contextos, como se pode verificar abaixo:

- (1) – Ao nível da abertura vocálica, em ordem inversa à articulação portuguesa;
- (2) – Na tendência para a anulação do ditongo decrescente;
- (3) – Na anulação da ênclise pronominal;
- (4) – Na fraca percepção da diferença entre tempos verbais, particularmente entre o imperfeito (raramente utilizado) e o perfeito;
- (5) – Na tendência à nasalização consonântica;
- (6) – Na lexicalização de vários itens oriundos das línguas locais. (Mingas, 2004, p. 74-75)

Essa interação afeta não só o vocabulário e a gramática, mas também aspectos mais sutis, como as próprias estratégias de intensificação. Intensificadores são usados para aumentar o grau de uma característica ou ação, e tanto o português quanto o umbundu possuem mecanismos próprios para isso. No entanto, a interação linguística faz com que algumas estratégias de gradação se assemelhem ou influenciem umas às outras. Um exemplo disso ocorre durante a aquisição do português pelas crianças que têm o Umbundu como língua materna. Vidal (2020) afirma que, muitas vezes, para dizer algo como “bolinho”, é comum que elas pronunciem “kabolinho”, uma vez que o -ka é um prefixo utilizado para formar diminutivos e intensificar conceitos, e a prefixação não é uma estratégia gradativa preferencial dos Ovimbundu – falaremos da adição de afixos como recurso intensificador mais adiante. Nas próximas seções, veremos quais estratégias de intensificação foram mais utilizadas nos provérbios analisados, comparando-as com estratégias do PB e PE e entendendo como e por qual motivo foram utilizadas.

Intensificação lexicalizada no umbundu

No umbundu, a intensificação de conceitos é frequentemente alcançada pela substituição de uma palavra por outra que intrinsecamente carrega uma maior intensidade. Por exemplo, para intensificar a palavra “chuva” (*ombela*), não se adiciona um modificador que signifique “muita” ou “pouca”, mas sim se utiliza uma palavra

diferente que denote uma chuva mais ou menos intensa. Esse processo reflete uma forma de lexicalização onde a intensidade está embutida na própria escolha lexical. Esse fenômeno pode ser ilustrado com vários exemplos no umbundu, como percebido com “chuva”, que possui, ao menos, 20 palavras correspondentes na língua bantu, como mostra Manuel Rui através de seu poema “Ombela” (2007).

Ombela é chuva, ameaça de chuva (ocituto), primeira chuva (ombela lyombela), chuva fina (olume), chuva miudinha (okalusulumila), chuva torrencial (epapwilo), chuva em abundância (apengu), chuva acompanhada de trovão (elilimilambela), falta de chuva (ocitenha), chuva que dura o dia todo (ulembi), chuva acompanhada de sol (epengupengu), chuva abundante mas passageira (etande). Ao surgirem no poema, cada um desses movimentos vem acompanhado de um estado anímico da deusa da chuva. (Siqueira, 2017, p. 129)

A palavra para “chuva fraca” ou “pouca chuva” é diferente daquela usada para “chuva forte” ou “muita chuva”, cada uma capturando um grau específico de intensidade através de vocabulário distinto. Tal abordagem não apenas comunica o aumento da intensidade, mas também enriquece o vocabulário e a expressividade da língua.

Vejamos como essa forma de intensificação se dá em alguns dos provérbios:

1. *Esalamiho k'etima, ombela k'epya.* (Como o suor no campo, a chuva no campo.)
2. *Mandavela kaloki ulembi, chingombe chifetika l'umbinde.* (A primeira chuva não cai demoradamente, a alforra do milho começa a crescer.)

Nos dois exemplos, temos provérbios em umbundu seguidos de suas respectivas traduções, retiradas da *Seleção de Provérbios e Adivinhas em Umbundu* (1964), do P. José Francisco Valente. No primeiro, a palavra “chuva” é representada pela sua tradução literal “ombela”, mas, no segundo, é utilizada outra expressão para se referir à “primeira chuva”. Esta diferenciação linguística sublinha o papel crucial da primeira chuva na agricultura umbundu, especialmente no cultivo do milho. A “primeira chuva” é um evento significativo, marcando o início do ciclo agrícola e determinando a preparação do solo e o plantio. A existência de uma palavra ou expressão específica para a primeira chuva indica um reconhecimento cultural da sua importância, refletindo a dependência das comunidades agrárias nas condições climáticas para uma colheita bem-sucedida. Vejamos um trecho retirado do *Jornal da Angola*:

A época de maior produtividade para o milho começa em Março, porque quem semeia nesta altura tem maior controle da quantidade da água através do pivô, em tempo de chuva a situação por vezes é

favorável e também arriscada por causa das “grandes chuvas” que podem destruir a plantação e as sementes. (Micolo, 2016, s.p.)

Isso demonstra como a língua não só descreve o mundo ao seu redor, mas também realça aspectos críticos da vida cotidiana, em particular aqueles que afetam diretamente a sobrevivência e o bem-estar da comunidade. Assim, o uso de uma expressão distinta para a primeira chuva no provérbio sublinha sua importância fundamental na vida agrícola e cultural dos Ovimbundos. No âmbito linguístico, a especificidade terminológica pode ser vista como uma forma de intensificação, na qual a escolha de palavras exatas e culturalmente carregadas confere maior precisão e profundidade ao discurso. Esse processo foi observado no nosso estudo com outras palavras do campo semântico da chuva, como “água”, “rio”, “mar” ou “nevoeiro”. Entre elas, gostaria de analisar mais profundamente a palavra “lágrima”, juntamente do verbo “chorar”, e seus usos frequentes nesses provérbios.

3. *Okulila kweponde, aswelela anda l'ovava.* (Ao chorar o bagre, as lágrimas vão com a água.)
4. *Aswelela kayukisa onganja, okulila kakupasula ko kalunga.* (As lágrimas não enchem cabaça, o choro não livra da morte.)

Dentre os *corpora* utilizados na análise, foram encontrados por volta de 20 provérbios com “lágrimas” e “chorar”, representados aqui pelos dois dados acima. O exemplo 3 pode significar algo como “lágrimas de crocodilo”, que é aquele choro fingido e falso, mas também pode sugerir que algumas emoções ou ações não produzem efeito visível ou significativo. Já no quarto exemplo, ao se comparar a ação de chorar com resultados práticos impossíveis (encher uma cabaça) e inevitáveis (escapar da morte), a inutilidade do choro é destacada. Com isso em vista, a alta incidência do léxico relacionado ao “choro” nos provérbios reflete profundamente a experiência histórica e cultural dos ovimbundos, um povo que tem enfrentado significativos desafios e sofrimentos, principalmente no que diz respeito ao processo de colonização e à diáspora africana.

por causa do colonialismo, os africanos eram menosprezados, humilhados e submetidos a uma discriminação aberta ou dissimulada. De fato, segundo o que diz A. E. Afigbo no capítulo 19, um dos efeitos sociais do colonialismo foi “o rebaixamento generalizado da situação dos africanos”. Ali Mazrui também sublinhou essa herança de humilhações impostas ao africano pelo triplo pecado do tráfico negreiro, do apartheid e do colonialismo, em suas recentes conferências de Reith. “Os africanos”, diz, “não são necessariamente o

mais brutalizado dos povos, mas com certeza são o mais humilhado da história moderna?” (Boahen, 2010, p. 943)

Logo, a incidência dessas palavras pode ser analisada sob várias perspectivas, podendo simbolizar a expressão de dor e tristeza resultante de séculos de adversidades, incluindo a violência e desintegração social causadas pela colonização e diáspora. Além disso, ao lidar com a dor através da linguagem e do discurso, os ovimbundos transformam o sofrimento em sabedoria e resiliência, oferecendo conselhos e ensinamentos morais que ajudam a comunidade a enfrentar e superar dificuldades. Podemos dizer, então, que, tanto em umbundu quanto em português, as metáforas e imagens relacionadas a lágrimas e choro são utilizadas para intensificar a expressão de emoções, mas não necessariamente da mesma forma. Na língua banto, provérbios como esses usam imagens vívidas para transmitir a futilidade do choro, como vimos na nossa análise. Já no português, expressões como “chorar rios/mares/oceanos de lágrimas” também usam metáforas para intensificar a emoção. De qualquer forma, a escolha do léxico nas duas línguas é deveras relevante para o intensificar a mensagem.

Ainda sobre a intensificação na língua portuguesa, observa-se um processo similar de intensificação lexicalizada tanto no PB quanto no PE. Embora o uso de modificadores como “muito” ou “extremamente” seja comum, há muitas situações onde palavras distintas são usadas para expressar diferentes graus de intensidade. Por exemplo, “chuva” pode ser substituída por “tempestade” ou “toró” para indicar um aumento na intensidade. Assim como no umbundu, essas substituições não são meramente sinônimos, mas carregam nuances específicas de intensidade e contexto. “Chuva” implica uma precipitação comum, “tempestade” sugere uma chuva acompanhada de ventos fortes e possível trovoada, enquanto “toró” indica uma chuva extremamente pesada e intensa. Essa riqueza lexical permite uma expressão mais precisa e variada das experiências humanas com a natureza.

Ao comparar os processos de intensificação lexicalizada no umbundu e no português, fica evidente que ambos utilizam a substituição lexical como uma estratégia eficiente para comunicar intensidade. No entanto, a frequência e a forma como essa estratégia é empregada podem variar cultural e linguisticamente. No umbundu, essa prática é profundamente enraizada e pode ser observada em uma ampla gama de vocabulário diário. No português, embora também presente, essa prática coexiste com a intensificação através de modificadores. Essas diferenças e semelhanças destacam como diferentes línguas possuem estratégias diversas para expressar conceitos similares. A lexicalização da intensidade não apenas facilita a comunicação precisa, mas também enriquece a língua ao fornecer múltiplas formas de descrever a mesma experiência com graus variados de especificidade.

Intensificação por meio de palavras de grau

Foltran e Nóbrega (2016), em seu estudo sobre adjetivos intensificadores no português brasileiro, chamam a atenção para algumas formas pelas quais a intensificação pode se manifestar: estruturas sintáticas estereotipadas, expressões exclamativas, recursos lexicais, palavras de grau, morfemas de grau, além de outras estratégias lexicais e sintáticas, como vimos anteriormente. É evidente que, em muitas variedades do português, as palavras de grau são usadas com frequência tanto em via oral quanto em via escrita. Essas palavras podem ser formas de intensificação mais tradicionais e prototípicas, como advérbios e adjetivos – *muito, pouco, mais, menos, grande, pequeno* -, ou mais inovadoras, como certos adjetivos pospostos “que passaram a ser empregados em posição anterior ao elemento modificado, denotando uma intensificação, ou seja, projetando uma escala de avaliação – tremendo(a), bruto(a)” (Foltran; Nóbrega, 2016, p. 320). Tendo isso em vista, nosso estudo observou que, para além do português, a intensificação por meio de palavras de grau também é bastante frequente nos provérbios em umbundu. Porém, é importante chamar a atenção para algumas peculiaridades dessa estratégia na língua banto.

5. *Walisukula enene walimolehisa amome.* (Quem se lavou muito pôs as manchas a descoberto.)
6. *Okulisuya enene olipulula ovala.* (Coçando-te muito deitas fora as tripas.)
7. *Okufelevela eyolo kalipi.* (O muito esperar não amadurece fruto.)

Antes de mais nada, vamos entender o que estes provérbios nos passam como mensagem, buscando provérbios correspondentes em português. O quinto exemplo, traduzido literalmente como “quem se lavou muito pôs as manchas a descoberto”, poderia ter como provérbio correspondente no português europeu “quem muito se desculpa, descobre as culpas”, enquanto no português brasileiro poderíamos usar “enquanto se varre a casa, mais poeira se levanta”. Já o sexto exemplo se trata de um provérbio que pode ser interpretado de várias maneiras, mas, no geral, é entendido como um aviso contra o excesso ou a obsessão com algo trivial; se você se preocupar demais com algo pequeno ou insignificante (como uma coceira), pode acabar causando um dano maior a si mesmo. É, então, uma metáfora para alertar que o excesso de zelo pode ter consequências negativas. Por fim, o sétimo exemplo poderia ser traduzido tanto no PE quanto no PB para “não deixes para amanhã o que podes/se pode fazer hoje”. Esse provérbio sublinha a importância da ação e do esforço contínuo em vez de simplesmente esperar que as coisas aconteçam por si mesmas, e ele se torna mais interessante quando levamos em consideração o contexto agrícola em Angola.

Na agricultura, assim como em muitas áreas da vida, a paciência é necessária, mas deve ser acompanhada de trabalho diligente e intervenções adequadas.

Agora analisaremos os processos de intensificação presentes nessas frases. Em um primeiro momento, ocorreu-nos que as traduções “literais” do padre poderiam não estar completamente corretas. Isso porque, no quinto provérbio, não há utilização da palavra comumente utilizada para expressar “muito” ou “bastante” em umbundu, que seria “enene” (ou “onene”), como nos exemplos 3 e 4, apesar de a tradução conter o advérbio em português. “Enene” é um vocabulário normalmente utilizado pelos Ovimbundos para dizer que algo é excessivo, podendo ser usado em diversos contextos para enfatizar a quantidade ou a intensidade de algo, como para descrever uma quantidade grande de objetos ou para reforçar a intensidade de uma ação ou sentimento. Além disso, é uma palavra que funciona de forma muito parecida com o “muito” em português, no sentido de sua posição em relação a outras classes gramaticais, normalmente aparecendo após o verbo e antes do adjetivo e substantivo.

Contudo, a adição do advérbio na versão em português do quinto exemplo nos parece ter sido uma escolha inteligente, uma vez que há certa dificuldade em se traduzir “okufelevela”, um verbo que remete à ação de ser ocioso ou inativo (o prefixo “oku” dá a ideia de “ação” e, por isso, é utilizado em verbos). Tendo em vista o sentido dessas palavras em português, além da mensagem transmitida pelo provérbio, acredito que “o muito esperar”/ “esperar muito” é uma tradução que mantém o significado do texto original, além de manter a intensidade presente na palavra “okufelevela” por si só. Essa estratégia de intensificação no provérbio nos remete novamente ao processo mais lexicalizado, e o uso de palavras que intensificam o estado de ociosidade pode refletir a sabedoria tradicional e os valores culturais, pois, em muitas culturas africanas, incluindo a dos Ovimbundu, a ociosidade pode ser vista negativamente. Por conta disso, a cultura umbundu é rica em provérbios que frequentemente abordam temas de trabalho, esforço e (in)atividade.

Outras palavras de grau mais tradicionais foram encontradas nos provérbios, como “pouco” e “mais”, porém, com uma frequência menor em relação ao “muito”. Ressaltamos que o “mais” foi utilizado algumas vezes nas traduções para construir estruturas comparativas, apesar de ele não estar presente no provérbio original explicitamente, como em “O fogo não é mais forte que a água, a panela é que pôs barreira” (*Ondalu hokuluko l’ovava, ochiyo chyapita p’okati*). Porém, quero destacar um provérbio em que um adjetivo menos prototípico, quando se trata de intensificação, foi usado:

8. *Ndalima epya lyange lyakahandangala, okulyungula ndilikwata p’eka.* (Cultivei um campo imenso, e a colheita aperto-a na mão.)

O uso de “imenso” como um intensificador na frase “Cultivei um campo imenso, e a colheita aperto-a na mão” é um exemplo interessante de intensificação que vai além dos métodos mais comuns. “Imenso” é um adjetivo que, em si, já carrega um significado de grande magnitude e que, quando aplicado a “campo”, intensifica a percepção do tamanho e esforço envolvido no cultivo. Além disso, o contraste entre a imensidão do campo cultivado e o fato de a colheita caber na mão enfatiza a desproporção e a ironia. Este contraste serve como uma forma indireta de intensificação, sugerindo que, apesar do esforço enorme, o resultado é surpreendentemente pequeno. Portanto, o uso de intensificadores menos tradicionais nos provérbios destaca a versatilidade destes em criar diferentes efeitos emocionais e cognitivos, algo que, como percebemos, pode ser observado tanto na língua portuguesa quanto no umbundu.

Intensificação por meio de estruturas sintáticas estereotipadas

Em alguns provérbios umbundos fornecidos, a intensificação é alcançada por meio de estruturas sintáticas mais específicas. Estas são formas consideradas inovadoras no português e que não são descritas em gramáticas tradicionais brasileiras, diferentemente daquelas mais prototípicas. Como afirma o professor Carlos Alexandre Gonçalves (2007), as gramáticas normativas não vão além de uma classificação estrutural ao tratar da gradação/intensificação no português. Em outras palavras, elas limitam-se a apresentar uma lista de afixos (forma sintética) e construções sintáticas tradicionais (forma analítica) gradativas. Alguns exemplos de expressões intensificadoras inovadoras encontradas nos provérbios são:

9. *Ungungu waninga v'ochyata, ekumbi lyende kulembwe.* (Montão de excrementos na esteira, o Sol entra no ocaso.)
10. *Eyala apa lyakakula vapeselapo valwa.* (Se o monte de lixo cresceu, muitos nele despejaram).
11. *Ekuto lyovava kaliteti usenge.* (A fartura de água não atravessa mata.)

No primeiro provérbio, a estrutura “ungungu waninga” (montão de excrementos) descreve e intensifica a imagem do monte de excrementos, enfatizando a quantidade e a presença visível do lixo. A comparação com “ekumbi lyende” (o Sol entra no ocaso) reforça essa intensificação, associando a visibilidade do monte de excrementos ao destaque do pôr do sol. Já no segundo provérbio, a primeira parte estabelece uma condição hipotética (*eyala apa lyakakula* – se o monte de lixo cresceu),

seguida pela consequência (*vapeselelapo valwa* – muitos nele despejaram). O uso de “lyakakula” (cresceu) e “valwa” (despejaram) implica um aumento significativo na quantidade de lixo, enfatizando que o crescimento do monte de lixo foi tão grande que atraiu muitas pessoas para despejar nele. Isso contribui com a ideia de que a ação de despejar se torna mais frequente à medida que o monte de lixo cresce. Assim, essas estruturas sintáticas estereotipadas – MONTE(ÃO) + DE + Nome – ajudam a criar uma imagem vívida e memorável, ampliando o impacto da mensagem sobre consequências visíveis de ações negligentes.

De forma análoga, no português brasileiro e no europeu, a construção “monte de X” é uma expressão idiomática que significa uma quantidade considerável de algo. Logo, essa construção é frequentemente usada para enfatizar e intensificar a quantidade ou a presença de algo, podendo ser aplicada a uma variedade de contextos e tipos de substantivos, adaptando-se tanto a coisas concretas quanto a abstratas. Além de “monte de X”, existem outras construções semelhantes que também denotam quantidade: “Pilha de X”, “Mar de X”, “Toneladas de X”. Ademais, há uma gama de substantivos possíveis para se preencher o *slot* X, como por exemplo “monte de livros/presentes/amor e carinho/problemas”. Apesar de só encontrarmos, nos provérbios, substantivos com o mesmo traço semântico de “lixo”, talvez haja a possibilidade de nomes mais variados ocuparem esse *slot*, assim como no PB.

No exemplo 11, a estrutura “ekuto lyovava” (a fartura de água) intensifica a ideia de abundância de água. O uso de “kaliteti usenge” (não atravessa mata), por sua vez, sugere uma barreira significativa e intransponível para a fartura de água. Essas estruturas sintáticas ajudam a criar uma imagem clara da relação entre abundância e limitação, reforçando a ideia de que mesmo uma grande quantidade de algo pode encontrar obstáculos insuperáveis. Com isso, podemos dizer que, neste provérbio, a intensificação é alcançada não só pela construção FARTURA + DE + Nome, mas também pela comparação de elementos opostos e pela estrutura gramatical que enfatiza a impossibilidade. Além disso, tanto no português quanto no umbundu, o uso de “fartura de X” reflete não apenas a linguagem cotidiana, mas também a cultura de apreciação pela abundância e pela generosidade. É uma maneira eficaz e expressiva de comunicar a ideia de excesso ou riqueza, adaptando-se a diferentes contextos de comunicação formal e informal.

Portanto, os provérbios umbundos utilizam estruturas sintáticas estereotipadas, como “monte de”, “montão de” e “fartura de”, não apenas para intensificar suas mensagens, mas também para evocar imagens vívidas. Essas construções linguísticas não são meramente decorativas, mas essenciais para transmitir a mensagem dos provérbios. Ao empregar expressões como “monte de excrementos” ou “fartura de

água”, não só são descritas situações cotidianas de maneira gráfica, mas também são ensinadas lições sobre as consequências de nossas ações, destacando-se como a negligência pode levar a problemas enormes, refletidos na imagem de um monte crescente de lixo ou na futilidade de esperar que a água atravessasse uma mata densa. Além disso, essas expressões enfatizam a interação delicada entre a abundância e a limitação na vida humana e na natureza. Dessa forma, os provérbios angolanos não apenas preservam tradições culturais valiosas, mas também oferecem um guia prático e ético para viver em harmonia com o meio ambiente e com os outros.

Intensificação por meio da adição de afixos

No português brasileiro, a formação de grau pode ser feita por prefixação (como mini-, micro-, maxi-, macro- e, especialmente, super-) e por sufixação. Existem duas séries de sufixos disponíveis: a primeira inclui sufixos como -inh(o/a) ou -it(o/a), que se unem a radicais (adjetivais, nominais ou adverbiais); a segunda inclui sufixos como -zinh(ola) ou -zit(o/a), que se associam a palavras flexionadas, como explica Villalva (2009). A sufixação é, na variedade europeia, a forma preferencial para se formar avaliativos. O Umbundu, por outro lado, distingue-se do PE uma vez que a formação de avaliativos é “caracterizada pela prefixação, estando disponíveis, nesta língua, duas séries de prefixos: ka- e ci-. Para estabelecer um valor aumentativo, usa-se ci-, enquanto para situações de inferioridade ou valor diminutivo emprega-se ka¹, que se associam à base da palavra” (Vidal, 2020, p. 14).

Primeiramente, o prefixo ka- (ou oka-) desempenha um papel importante na formação de palavras e na gradação de significados, especialmente em provérbios e expressões que capturam nuances culturais e sociais. Vamos explorar seu papel, usando os provérbios:

12. *Okanjila kapalala enene, kawila v'omela yongandu.* (Passarinho que voa muito, cai na boca do crocodilo.)
13. *Okachivulunjanja to amela, utima wekongo to olondunge.* (Buraquinho cheio de folhas? Coração do velho cheio de juízo.)

No primeiro provérbio, o prefixo -ka é explicitamente utilizado em “Okanjila”, o que não só coloca a palavra no diminutivo, como também transmite a ideia de inferioridade – afinal, o passarinho não tem a mesma capacidade de voo de uma águia, por exemplo. Porém, o conceito de gradação também está presente na forma como

¹ Em umbundu, também existe o prefixo tu/otu- para formar palavras no diminutivo com uma apreciação +negativa. Porém, em algumas variedades dessa língua banto, esse prefixo tem o significado contrário, passando a apresentar valor aumentativo/singular. Por exemplo, a palavra “otundimba” pode significar “coelhinho” em variedade e “coelhão” em outra. (Vidal, 2020)

o provérbio descreve o passarinho que voa muito. Aqui, “kapalala enene” remete à ação de voar e contrasta com o fato de o pássaro ser pequeno. Em outras palavras, a intensificação está presente na descrição da ação prolongada de voar, na formação da palavra “passarinho” e no contraste entre ser um passarinho e voar muito. Com isso, o texto utiliza estratégias variadas de gradação para transmitir uma mensagem sobre os perigos da excessiva audácia ou imprudência. Assim, o provérbio não apenas ilustra uma situação literal, mas também oferece uma reflexão mais ampla sobre a importância de ponderar nossas ações e evitar comportamentos que possam levar a consequências negativas, como “cair na boca do crocodilo”.

O segundo provérbio, por sua vez, utiliza um processo de intensificação interessante através de comparações e metáforas que enfatizam tanto a pequena quantidade (*buraquinho*) quanto a abundância (*cheio de*). O uso da palavra “buraquinho” sugere inicialmente algo pequeno e aparentemente insignificante. Este termo cria uma imagem inicial de algo que pode ser facilmente ignorado ou subestimado. Paralelamente, a expressão “cheio de folhas” utiliza a construção “cheio de”, que denota um estado de abundância ou plenitude. Mesmo que o buraco seja pequeno (*buraquinho*), a quantidade de folhas dentro dele é significativa o suficiente para preenchê-lo completamente. Por fim, a segunda parte do provérbio intensifica ainda mais essa ideia ao comparar o “buraquinho” com o coração do velho cheio de juízo. Aqui, a intensificação ocorre não só pelo uso de “cheio de”, mas também pela associação do coração com qualidades como sabedoria e discernimento, o que amplifica a importância e o impacto do provérbio como um todo.

Já os prefixos *oci/ci-* podem apresentar uma série de nuances de significado, sendo utilizados para construir aumentativos e expressões pejorativas, mas também podendo formar palavras que remetem ao corpo humano, nomes de animais, doenças, etc. Infelizmente, não encontramos, dentre a seleção de provérbios, exemplos em que o afixo indicaria uma intensificação ou qualquer tipo de avaliativo. De qualquer forma, podemos afirmar que as diferenças entre as variedades do português e o umbundu na formação de avaliativos ilustram a diversidade linguística e a riqueza dos processos morfológicos. Enquanto o português, principalmente em sua variedade europeia, favorece a sufixação, o umbundu se destaca pelo uso sistemático de prefixos para criar gradação/intensificação. Essas abordagens refletem não apenas escolhas linguísticas, mas também características culturais e estruturais inerentes a cada língua.

Conclusão

A análise comparativa entre as formas de intensificação presentes nas línguas portuguesa e umbundu revela a riqueza e a complexidade dos recursos linguísticos utilizados em ambas as culturas. Esta investigação não apenas ilumina as estratégias específicas de cada língua para enfatizar, ampliar ou intensificar significados, mas

também destaca a profundidade cultural e social contida nas expressões proverbiais. Os provérbios, como manifestações culturais e linguísticas, se mostraram ferramentas poderosas para a transmissão de sabedoria, valores e visões de mundo. Através da identificação e comparação dos mecanismos de intensificação, este estudo evidenciou as semelhanças e diferenças entre os dois sistemas linguísticos, mostrando como cada cultura utiliza a linguagem para refletir e moldar sua realidade.

Como a hipótese inicial indicava, há muitas estratégias similares de intensificação nas duas línguas em questão, porém, encontramos diferenças mais expressivas do que pensávamos encontrar. Na intensificação por formação de palavras, por exemplo, poderíamos imaginar que o umbundo, pelo contato com o português europeu e angolano, privilegiaria a gradação por meio do acréscimo de sufixos. Contudo, percebemos que há maior frequência de prefixação quando o assunto é gradação. A intensificação mais lexicalizada, por sua vez, apresentou-se como um fenômeno linguístico fascinante que demonstra a capacidade das línguas de diversificar suas ferramentas expressivas. Tanto no umbundu quanto no português, a substituição lexical para comunicar intensidade enriquece a comunicação e reflete a complexidade e a criatividade inerentes ao uso da linguagem humana. Contudo, é dentre os Ovimbundos que esse recurso se mostrou mais frequente, exemplificado pela extensa lista de vocabulários utilizados para se referir à “chuva” e palavras de mesmo campo semântico.

No que se refere ao uso de formas inovadoras, a análise dos provérbios umbundos revela que certas estruturas sintáticas desempenham um papel crucial na intensificação das mensagens e na criação de imagens vívidas e memoráveis. Essas construções linguísticas menos tradicionais são fundamentais para transmitir as lições contidas nos provérbios ao mesmo tempo que constroem camadas de intensidade. A comparação com o português evidencia que, embora as gramáticas tradicionais possam não abarcar totalmente essas formas inovadoras, a língua portuguesa também possui mecanismos expressivos semelhantes, como “monte de X” e “fatura de X”. Esses recursos linguísticos são igualmente eficazes na comunicação de ideias de abundância, excesso ou importância. Logo, percebemos que as duas línguas se assemelham ao buscar formas inovadoras de expressar intensidade.

Estudos comparativos como este não apenas iluminam aspectos específicos de cada língua, mas também contribuem para uma compreensão mais ampla das capacidades expressivas universais da linguagem humana. Assim, ao aprofundar a compreensão dos provérbios e das estratégias de intensificação, estamos contribuindo para uma valorização maior da diversidade linguística e cultural. É de extrema importância reconhecer e apreciar as variações linguísticas que enriquecem nossa comunicação e fortalecem nossa compreensão intercultural. Em última análise, a investigação sobre os provérbios umbundu e suas formas de intensificação não apenas amplia nosso

conhecimento sobre essa língua específica, mas também proporciona uma visão mais ampla da complexidade das interações humanas através da linguagem. Ao destacar as nuances e as peculiaridades dos recursos linguísticos em contextos distintos, este estudo reafirma a necessidade de valorizar e preservar a diversidade linguística em nosso mundo globalizado.

Para avançar a pesquisa sobre intensificação na língua umbundu, seria interessante fazer uma análise comparativa entre a língua banto com o português levando em consideração, também, sua variedade angolana. É muito possível que o português em Angola influencie as estratégias de intensificação do umbundu e vice-versa. Outra possibilidade é analisar de forma mais cuidadosa questões prosódicas, como tonalidade e duração vocálica, que são características linguísticas salientes nas línguas bantu de forma geral. Desta forma, estaríamos aprofundando a compreensão das formas de intensificação em umbundu e português.

Referências

- ALBELDA, M. Escalaridad y evaluación: rasgos caracterizadores de la intensificación pragmática. In: PUTSKA, E.; GOLDSCHMITT, S. (ed.). *Emotionen, Expressivität, Emphase*. Berlín: Erich Schmidt Verlag, 2014. pp. 79-94.
- ALKMIM, T. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; Bentes, A. C. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Editora Cortez, 2009. 270 p.
- ANGOLA. Constituição da República de Angola. *Diário da República*, Luanda, 21 jan. 2010.
- BOAHEN, A. A. O colonialismo na África: impacto e significação. In: *História geral da África, VII: África sob domínio colonial, 1880-1935*. Editado por Albert Adu Boahen. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.
- DHALET, P. Apresentação. In: *A enunciação dos provérbios*. São Paulo: ANNABLUME, 1995.
- DIAGNE, M. *Critique de la raison orale. Les pratiques discursives em Afrique*. Paris: Karthala, 2005
- FOLTRAN, M. J.; NÓBREGA, V. A. *Adjetivos Intensificadores no Português Brasileiro: propriedades, distribuição e reflexos morfológicos*. São Paulo: Alfa, 2016. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/7868/5857>. Acesso em: 17 jul. 2024.
- GONÇALVES, C. A. Flexão e derivação: o grau. In: Vieira, S. R.; Brandão, S. F. *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 149-168.
- MICOLO, G. Produção de milho aumenta de escala. *Jornal de Angola*, 2016. Seção Reportagem. Disponível em: <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/detalhes.php?id=358817>. Acesso em: 17 jul. 2024.

- MINGAS, A. Multiplicidade linguística: A língua portuguesa em Angola. *In: Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 2004. pp. 73-77. Disponível em: <https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/12/2004-5.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2024
- PAXE, A. C. V. *A migração fractal do provérbio: práticas, sujeitos e narrativas entrelaçadas*. Orientador: José Amálio de Branco Pinheiro. 2016. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, 2016.
- P. JOSÉ FRANCISCO VALENTE. *Seleção de provérbios e adivinhas em umbundu*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1964.
- RUI, M. *Ombela*. Luanda: União dos escritores angolanos, 2007.
- SIQUEIRA, E. *Ombela: uma cena ancorada no imaginário africano*. *Revista ASPAS*, São Paulo, v. 7, n. 1, 2017.
- TANDO, W. E.; NAMBUA, M. A Língua Portuguesa em Angola: Reflexão sobre o seu domínio no sistema de ensino e soft power. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, São Paulo, v. 10, n. 1, 2024.
- VIDAL, M. S. *Afixos avaliativos no Português falado em Benguela*. Orientadora: Alina Maria Santos Mártires Villalva. Coorientadora: Carina Alexandra Garcia Pinto. 2020. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2020. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/43254/1/ulfl_tm.pdf. Acesso em: 17 jul. 2024.
- VIEIRA, S. R.; MACHADO VIEIRA, M. S. A expressão de grau: para além da morfologia. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n. 34, p. 63-83, 2008.
- VILLALVA, A. Sobre a formação dos chamados diminutivos no Português Europeu. Lisboa: *Atas do 25º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, 2009.